

A VIOLÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES *NA, DA E CONTRA* A ESCOLA NO BAIRRO PORTO BELO EM FOZ DO IGUAÇU/PR.

Samuel Cabanha¹

Irani Batista de Araújo²

Resumo

O presente trabalho objetiva apresentar uma visão da violência *na, da e contra* a escola no bairro Porto Belo na cidade fronteiriça de Foz do Iguaçu. As práticas apresentadas estão relacionadas tanto aos problemas internos (desacato, agressão verbal e física, ameaça), como aos externos (contrabando e tráfico de drogas) do cotidiano escolar. As informações foram obtidas na pesquisa de campo realizada na instituição de ensino, no ano de 2014, por meio de observações, entrevistas abertas e aplicação de questionários com adolescentes (entre 14 e 17 anos), professores e funcionários. Neste estudo, a adolescência é entendida sob uma perspectiva histórico/transitória, pois a adolescência define-se por seus caracteres identitários e sócio/culturais, sendo influenciada pelo tempo, pelo meio social, pelo cultural e econômico. O desenvolvimento da pesquisa foi relevante no sentido de avaliar as ações desenvolvidas pela escola para minimizar os conflitos internos entre seus integrantes, bem como, as razões que os induzem a praticar atos de violência no interior da escola.

Palavras-chave: Adolescência; Escola; Violência.

Introdução

A violência escolar³ não se manifesta de maneira específica no ambiente pesquisado e sim, na maioria das instituições de ensino públicas ou privadas como são reportadas pelos meios de comunicações, por pesquisadores/estudiosos da temática e pela academia em geral.

¹ Psicólogo. Especialista em Educação – UTFPR (2009), Especialista em Terapia Cognitiva pelo Instituto Paranaense de Terapia Cognitiva – IPTC (2015), Mestrando do Programa *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras - UNIOESTE, Foz do Iguaçu/PR. Contato: samuelcabanha@globo.com.

² Mestra do Programa *Stricto Sensu* em Nível de Mestrado Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE, Foz do Iguaçu/PR. Contato: irany_52@hotmail.com.

³ No que se refere à violência escolar, Priotto (2011, p. 112) a define como —todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio público, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por e entre a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar.

A escola, longe de ser uma ilha, sofre influência do contexto sócio/econômico do qual faz parte. Mesmo com os avanços normativos que envolvem o contexto escolar, a realidade escolar aponta de forma preocupante o incremento de outras formas da violência se manifestar. Hodiernamente, se fala em “violências”, tendo em vista que estas há muito deixaram de ser apenas físicas (brigas, golpes, ferimentos, espancamentos, roubos, homicídios, suicídios, etc.) e/ou patrimoniais (pichação, depredação, roubo ou invasão escolar).

Desta gama de inquietudes, surgiu o interesse pela pesquisa, além das experiências vivenciadas pelos autores com adolescentes no interior e exterior da escola, cujo estudo teve os seguintes objetivos:

1. Analisar a violência entre adolescentes no colégio estadual do bairro Porto Belo;
2. Examinar os impactos da violência ocorrida no Porto Belo sobre a sua população;
3. Verificar as razões dos conflitos violentos entre os adolescentes do colégio estadual do Porto Belo.

Psicologia e Adolescência: reflexões e práticas

Inicialmente, se faz necessário enfatizar que a concepção vigente na psicologia sobre o que é adolescência ainda está fortemente ligada a estereótipos e estigmas, desde que Stanley Hall⁴ a identificou como uma etapa marcada por tormentos e conturbações vinculadas à emergência da sexualidade. A partir de então, instalou-se uma concepção naturalista e universal sobre o adolescente que passou a ser compartilhada pela psicologia, incorporada pela cultura ocidental e assimilada pelo “homem comum”, muitas vezes através dos meios de comunicação de massa. Nos dias atuais, quando se trata do tema adolescência, ainda se percebe essa reprodução de conhecimentos e

⁴ G. Stanley Hall foi pioneiro (1844 – 1924) foi pioneiro no estudo científico da adolescência. Em 1904, Hall publicou suas ideias em um conjunto de dois volumes intitulados *Adolescence*, Hall foi fortemente influenciado por Charles Darwin, o famoso teórico evolucionista. Aplicando a visão de Darwin ao estudo do desenvolvimento adolescente, Hall propôs que o desenvolvimento é controlado fundamentalmente por fatores biológicos (SANTROCK, 2014, p. 37).

representações sociais nas diversas formas simbólicas veiculadas pelos meios de transmissão de massa. Neste estudo, por “formas simbólicas”, entendemos um “amplo espectro de situações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como constructos significativos” (THOMPSON, 2007, p. 79).

Na América Latina e, particularmente, no Brasil, Aberastury (1980) e Aberastury e Knobel (1981) são um marco histórico no estudo da adolescência na perspectiva psicanalítica. Sem dúvida, esses autores influenciaram muito a academia e são fontes de referência para todos os que se preocupam com esse tema.

Nesse sentido, Aberastury (1980) considera a adolescência como “um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento”. Além disso, destaca esse período como de “contradições, confuso, doloroso” (pp. 15-16). Complementa afirmando que a adolescência é o momento mais difícil da vida do homem por ser uma fase de transição. Aberastury e Knobel (1981, p. 28), ao introduzirem a “síndrome normal da adolescência”, trazem uma grande contribuição dentro dessa perspectiva, mas que merece algumas considerações. Apesar de enfatizarem que “toda a adolescência leva, além do selo individual, o selo de meio cultural e histórico”, os autores acabam incorrendo no artifício de condicionarem a realidade biopsicossocial a circunstâncias interiores ao afirmarem a existência de uma crise essencial da adolescência.

Essa afirmação traz certa preocupação, pois ao apresentar essas características como inerentes ao jovem (características rígidas e integrantes da identidade ou de uma identidade), elas pressupõem uma crise preexistente no adolescente, antes mesmo de seu contato com o mundo através das interações sociais. Apesar de Aberastury e Knobel (1981) mencionarem uma inter-relação entre o biológico e o cultural, enfatizam as estruturas internas como propulsionadoras do desenvolvimento, ou seja, prioriza a ideia que crianças e adolescentes parecem nascer e viver em um *vacuum* sociocultural.

Desta forma, as concepções ainda presentes nas vertentes teóricas da psicologia, apesar de considerarem a adolescência como um fenômeno biopsicossocial, ora enfatizam os aspectos biológicos, ora os aspectos ambientais e sociais, não conseguindo superar visões dicotomizantes ou fragmentadas. Assim, os fatores sociais são encarados de forma abstrata e genérica, e a influência do meio torna-se difusa e descaracterizada contextualmente, agindo apenas como um pano de fundo no processo

de desenvolvimento já previsto no adolescente. Enfim, um conjunto de características que têm sido tomadas como uma síndrome normal da adolescência (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

È crucial compreender que a adolescência é criada historicamente pelo homem, enquanto representação e enquanto fato social e psicológico. É constituída como significado na cultura, na linguagem que permeia as relações sociais. Fatos sociais surgem nas relações e os homens atribuem significados a esses fatos. Definem, criam conceitos que representam esses fatos. Quando definimos a adolescência como isto ou aquilo, estamos constituindo significações (interpretando a realidade), a partir de realidades sociais e de marcas que serão referências para a constituição dos sujeitos. A adolescência não é um período natural do desenvolvimento. É um momento significado e interpretado pelo homem.

Nesse sentido, este estudo quer apresentar a adolescência a partir de uma perspectiva crítica, que compreende o homem como um agente histórico-social, em constante “construção”. Segundo Roso (2007), essa perspectiva desvincula-se da visão cartesiana/positivista, e compreende o adolescente e o meio social como relacional e interdependente, onde as representações são sempre complexas, multifacetadas e em constante atualização.

Adolescência: o processo adolescer

As informações contidas na literatura (LEVISKY, 2000; GOMIDE, 2012; LISBÔA, 2006; SALES, 2013; PRIOTTO, 2011) referentes à adolescência pontuam que os indivíduos, nessa fase, se apropriam de trajes, acessórios e/ou linguagem como meio de afrontar/chocar a família (mais tradicional), que discorda do comportamento que adotam. Na visão e ou entendimento dos adolescentes, a família, a igreja e a escola “funcionam” como instituições repressoras, pois estão sempre determinando regras/convenções a serem adotadas. Neste sentido, a mídia brasileira influencia o comportamento desde a infância, pois repassa a imagem de que o famoso ou bem sucedido é feliz e, para ser feliz, é preciso ter fama, sucesso e dinheiro. O imitar o outro sugere um enfraquecimento da personalidade, pois, segundo Amélia Thereza de Moura Vasconcelos, Psiquiatra da Infância e da Adolescência (LEVISKY, 2000, p. 138), “estamos diante de um processo de despersonalização, onde aflora uma crise de valores

e perdemos a noção do limite entre o bom e o mal. São esses conceitos aprendidos que regem nosso comportamento a nível social”. Ainda conforme a autora, o processo educacional tem participação importante no sentido de ditar os valores da cultura.

Considerando os elementos expostos, Levisky (2000) enfatiza que os adolescentes, com suas características biopsicossociais, tendem, de maneira espontânea e natural, descarregar seus impulsos agressivos através de expressões impulsivas sem pensar nas consequências e que, em muitas situações, pensam depois do ato concretizado, ou seja, “são vias de expressão rápidas e buscam satisfação imediata dos desejos sem passar pelos critérios de avaliação, simbolização e linguagem” (p. 21). Para o mesmo autor, é na fase da adolescência que o indivíduo tem uma dificuldade enorme de conviver com regras, e talvez a maneira “democrática” como a sociedade se organiza com certas normas, em condições de igualdade para todos – isso vale para o essencial, mas existem as diferenças que precisam ser respeitadas, haja vista que as representações são sempre complexas.

“Violências” no contexto escolar

Em específico à violência escolar, a obra “Violência Escolar: políticas públicas e práticas educativas no município de Foz do Iguaçu”, Priotto (2011), serviu de parâmetro para o estudo, com a qual foi possível estabelecer alguns distanciamentos e algumas aproximações em relação ao que foi observado e obtido na pesquisa de campo no colégio do Porto Belo. Optou-se por descrever a problemática *contra, da e na* escola, pois segundo a concepção da autora é um fenômeno que se caracteriza por várias manifestações no seu cotidiano e, especificamente, no contexto escolar a violência representa práticas usuais no ambiente “por e entre professores, alunos, diretores, funcionários, familiares, (ex) alunos, pessoas da comunidade e estranhos” (PRIOTTO, 2011, p. 96). São ações que se manifestam de diferentes maneiras, que vão desde agressões físicas e verbais ao consumo de drogas. Considerando também, o uso, a oferta, a venda e a distribuição de álcool, entorpecentes e/ou tabaco que acontecem no interior das instituições de ensino. São episódios que ocorrem no espaço interno (salas, corredores, pátio, quadra de esportes), no portão de entrada e/ou na via pública. Em relação aos tipos de violência escolar, Priotto (2011) pontua o seguinte:

A violência *contra* a escola é representada como atos de vandalismo, incêndios e destruição, roubo e furtos do patrimônio como paredes, cadeiras, carteiras, portas, cabos de fiação, cabos de telefone, materiais e equipamentos das instituições escolares; em relação à violência *da* escola, mostra-se todo tipo de práticas utilizadas pela instituição escolar que prejudicam os seus membros como: os fracassos escolares, falta de interesse em permanecer na escola, o conteúdo alheio aos interesses dos alunos e do mercado de trabalho, os preconceitos (racismo). A indisciplina, a expulsão, a intimidação, o ameaçar - abuso do poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade por parte dos professores, diretores e supervisores (...); a violência *na* escola, em alguns casos, deve ser analisada como a violência *da* escola: o aluno agredir o professor ou usar forças ou não contra o professor, o diretor ou funcionário. Caracteriza-se numa violência gerada através da maneira como a instituição e seus agentes tratam em virtude de regras e normas estabelecidas (pp. 96-97).

Além dos aspectos elencados por Priotto (2011, p. 97), a mesma chama atenção para a indisciplina, a expulsão, a intimidação, o ameaçar que define como abuso de poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autor por parte dos professores, diretores e supervisão, como avaliação, atribuição de notas, entrega de boletins, marginalização, desvalorização da profissão de professor, sua insatisfação, indiferença, absentismo dos alunos, despreparo do profissional (reflexo do medo), falta de estímulos e interação entre educação continuada, discriminações diárias onde se destacam como situação que não envolva força, mas se caracteriza por ações de força.

A mesma autora salienta que há um desnorteamento no que se refere aos termos violência e indisciplina, pois, em algumas situações, são usados como sinônimos no ambiente escolar. Segundo a autora, a indisciplina é um dos desafios enfrentados pela escola na atualidade. Contudo, reforça-se que não é interesse do presente trabalho abordar a discussão da indisciplina. Em linhas gerais, a indisciplina pode ser caracterizada como sendo a quebra de regras ou, até mesmo, a ausência delas. Mas que em ambas as situações, merecem atenção de todos os envolvidos no processo educativo, porém, a violência um pouco mais, por trazer consequências (física e emocional) ao desenvolvimento do sujeito (PRIOTTO, 2011). Na sequência, serão descritas as opiniões de alguns adolescentes⁵ ouvidos sobre as práticas agressivas em que

⁵ Os adolescentes foram identificados por letras: A, B, C... Etc.

presenciaram e/ou se envolveram. Ao ser questionado o que é violência, o primeiro declarante respondeu que é um “*bagulho louco*”! E acrescentou: “*Ah, é o maior problema. É coisa feia. Depois eu te explico melhor* (Adolescente A)”. Outros falaram que é roubar, matar, se prostituir, praticar *bullying*, violência contra os adolescentes, é agredir alguém, traficar, bater no (a) outro (a) na frente do colégio, etc. Alguns disseram que a violência verbal predomina entre eles no colégio, mais do que a física. Outros disseram o seguinte:

Nós brigamos, às vezes, por qualquer razão, porque outro encostou ou provocou. Assim vai tirando nossa paciência. Nem sempre queremos conversar. Já é um motivo para brigar. Por isso, tem muita confusão na saída da aula (Adolescente B).

Já fui agredida dentro do colégio, mas não reagi porque estaria sendo violenta também. Preferi ficar quieta e relevar. Assim é melhor. Estou evitando que coisas piores aconteçam depois. Pois quem gosta de brigar, às vezes, espera no caminho pra casa para bater na pessoa (Adolescente C).

A gente nem perde tempo conversando. Sempre tem nossas amigas fieis que se oferecem pra ajudar e damos um susto na “*biscate*”⁶ na saída da aula ou no caminho pra casa. Assim, ela não se mete mais com quem não deve e não lhe pertence. A gente não bate pra machucar. É só pra ficar com medo de nós (Adolescente D).

Em relação aos conflitos entre os adolescentes, no ambiente pesquisado, existem alguns registros nos livros Atas que, de certa maneira, são mais utilizados como punição do que como orientação. Contudo, merecem ser discutidos no sentido de demonstrar a amplitude e a complexidade dos episódios ocorridos na instituição escolar. No colégio, existem três diferentes tipos de livros de registros - cada um específico para a situação: 1º) Para os registros mais graves quando a Patrulha Escolar é acionada pela equipe pedagógica ou pela direção; 2º) Para situações diversas que acontecem em cada

⁶ Na linguagem das adolescentes significa mulher que fica com qualquer um que aparece. Não importa quem seja.

turno; 3º) É específico por turma, no qual constam anotações individuais de cada aluno - atrasos, rendimento escolar e indisciplina, entre outros. É possível afirmar a presença da violência *na*, *da* e *contra* a escola nos registros consultados. Na tabela abaixo constam as anotações mais frequentes encontradas nos documentos analisados (dos três turnos) na instituição escolar no ano de 2013 e início de 2014.

Descrição dos atos:	Quantidade:
Desacato ou agressão verbal do aluno para com o professor.	31
Agressões físicas e verbais entre os alunos.	29
Danos ao patrimônio público causado pelos alunos.	15
Desacato e ameaça à pedagoga ou direção.	09

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nos registros dos livros-Ata do colégio.

Percebe-se, na tabela, que as agressões envolvendo os alunos predominam e as razões apontadas pelos entrevistados – professores e funcionários - para esse comportamento são as mais diversas da violência *na* escola. Os mesmos afirmaram ter presenciado algum tipo de agressão (física e/ou verbal) entre alunos e/ou envolvendo aluno/professor no espaço interno do colégio. As razões atribuídas por estes interlocutores são de que a ausência de acompanhamento da família e a disfuncionalidade desta, facilita esse comportamento, e que, às vezes, existe violência dentro de casa e o (a) aluno (a) considera natural agir da mesma forma no ambiente escolar. Alguns acrescentaram: o estresse do professor na escola gera um descontrole de ambas as partes; as ameaças que o professor recebe; o aluno sob efeito de entorpecente no interior do colégio; a rivalidade entre alunos por futilidades, entre outros.

Aspectos Metodológicos da Pesquisa⁷

A metodologia adotada foi a pesquisa mista composta por: observações, aplicação de questionários e entrevistas abertas. É um meio que facilita aos pesquisadores estabelecerem um comparativo entre as informações obtidas por meio das

⁷ Projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos da UNIOESTE – Cascavel/PR - sob o Parecer nº 487.553, em 17 de dezembro de 2013.

entrevistas realizadas, com as demais estratégias utilizadas na pesquisa de campo. A presença no contexto estudado é válida no sentido de contribuir para a descrição dos registros sobre o universo e os sujeitos sociais pesquisados. Uma interação direto/indireta com as pessoas, em situações formal/informais com os participantes da pesquisa e suas múltiplas relações é uma experiência enriquecedora, pois os observadores⁸ descrevem a importância que as pessoas dão ao seu contexto real, lembrando que os pesquisadores o não podem deixar de lado seu enfoque dedutivo/sensitivo. É interessante sentir-se parte integrante do grupo pesquisado, assim, diminui a possibilidade dos sujeitos mudarem o comportamento ao saberem que estão sendo analisados.

A aplicação dos questionários na pesquisa de campo ocorreu da seguinte maneira: os professores e os funcionários (15 profissionais) foram convidados a participarem; os adolescentes eram de duas turmas – 9º ano A e 1ª série A - do turno da manhã (no total de 56 alunos entre 14 e 17 anos). Após a leitura e descrição das respostas escritas, foi realizada a segunda etapa com uma entrevista aberta com oito educandos (sorteio pela lista de frequência das turmas – 4 de cada turma) a fim de sanar as dúvidas surgidas após a síntese das informações adquiridas com os questionários. A etapa final foi de consulta aos livros Ata da instituição para verificação das situações de violência *na*, *da* e *contra* a escola presentes no ambiente estudado. O número de participantes adotado foi com o intuito de encontrar o ponto de saturação das informações sobre a temática em pauta, o objetivo foi obter uma quantidade suficiente de entrevistados para desenvolver um trabalho descritivo com mais qualidade e aprofundamento teórico.

Considerando que o meio social é determinante e tem influência decisiva no desenvolvimento, pensamento e formação do adolescente segundo Vygotsky (1996) e que o processo de construção da fase da adolescência é marcado por desigualdades, conflitos, incertezas e instabilidades do sujeito, pode-se dizer que os adolescentes do Porto Belo também demonstraram estes elementos, mas com perspectivas de um futuro

⁸ Observar implica “na existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador. Planejar a observação significa determinar com antecedência ‘o quê’ e ‘o como’ observar (...). O observador precisa aprender a fazer registros descritivos, saber separar os detalhes relevantes dos triviais, aprender a fazer anotações organizadas e utilizar métodos rigorosos para validar suas observações”. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 25).

promissor ao afirmarem terem noção até onde devem ir (fronteira material) com quem devem andar, o que dizer e a quem (fronteira conceitual⁹), assim por diante.

Na coletânea elaborada por Levisky (2000, p. 57), Mauricio Knobel, professor de Psiquiatria Geral da Infância e da Adolescência (UNICAMP), pontua que a violência como padrão de conduta é a que se usa como defesa, pois, numa sociedade violenta, se foge ou se luta. Portanto, os adolescentes, pelas características do período de vida, na maioria das vezes, optam pela luta. Por isso, o autor considera que as reivindicações dos adolescentes, geralmente, são “solucionadas” por meio de um comportamento violento, principalmente, se convivem em um contexto de conflitos violentos: na família, na escola, na rua, no bairro, entre outros. Por estes e demais aspectos que é uma experiência enriquecedora pesquisar adolescentes, pois são autênticos e verdadeiros em suas contribuições no que se refere a algum assunto que faz parte do seu contexto de convivência social.

Resultados Alcançados

A partir da metodologia aplicada a pesquisa no colégio estadual do Porto Belo conseguiu chegar aos seguintes resultados:

1º) Para 58,92 % dos adolescentes entrevistados o Porto Belo é violento;

2º) Para os adolescentes o acerto de dívidas, em decorrência do tráfico de drogas, foi citado por 68,96% e, o tráfico de drogas por 62,06% como colaboradores para a violência local;

3º) Apenas 15% (masculino/feminino) assumiu ter se envolvido em brigas no espaço interno da instituição. Quando separados por gênero, 25 % feminino assumiram que já se envolveram em brigas e 21% masculino;

4º) A violência no ambiente pesquisado é real conforme dados apresentados na pesquisa.

⁹ Consultar: TUAN, Yi-Fu. Paisagens do Medo. São Paulo: UNESP, 2005.

Discussão e Interpretação dos Resultados

Em relação ao fenômeno violência no Porto Belo, se comparado às demais regiões da cidade, o número de homicídios¹⁰ ocorridos no local, ocupa a quarta colocação com 10,9 % no ano de 2013. Por outro lado, quando se verifica a população de cada região e confronta-se com o número de homicídios ocorrido em cada uma delas, a configuração se inverte, isto é, constata-se que nas regiões mais populosas (São Francisco, Vila C e Porto Meira) são os lugares onde se encontram menos corpos; e, os menos populosos, conseqüentemente, se encontram mais. Neste sentido, quando se estabelece um parâmetro entre o número de moradores com o número de homicídios, a região Rural Mista – menos populosa - aparece com 15,2% dos homicídios, isto é, passou a ser considerada a mais violenta. No entanto, a causa das mortes não consta nos dados estatísticos.

Os interlocutores adolescentes justificam suas afirmações dizendo que há muitos crimes no bairro; que no local tem muito bandido e pessoas mal intencionadas; que é assassinado quem está envolvido (a) com drogas e contrabando; que existe época de efeito dominó, ou seja, acontece uma morte seguida da outra (por vingança), depois acalma e, tempos depois, recomeça. Explode a violência e depois volta à calmaria. Os mesmos pensam que o bairro nunca será tranquilo, pois o tráfico de drogas não acabará nunca. Por outro lado, os que disseram não para a existência da violência no local, foram de 41,08 %. Explicam que não é com frequência que ocorrem os crimes; que nada aconteceu com eles (as); que na rua onde moram não veem nada e se existe, não querem saber, entre outros.

Se, por um lado, a escola é um local de socialização e de aquisição de conhecimento, por outro, é também um lugar onde ocorrem múltiplos conflitos. Independente da origem, seja social, familiar ou local, o índice de envolvimento dos entrevistados, em brigas dentro do colégio pode ser considerado baixo, contudo, existe a possibilidade dos declarantes não assumirem que cometam violência física. Desse modo, o índice pode ser maior no colégio pesquisado. Por outro lado, o envolvimento de adolescentes do gênero feminino em brigas, é maior em relação aos do gênero

¹⁰ Fonte: Delegacia de Homicídios de Foz do Iguaçu.

masculino. Parece que, no momento, a configuração é oposta a de décadas anteriores, nas quais os homens brigavam mais e as mulheres eram mais pacíficas. Porém, a situação sugere uma busca de equidade até mesmo no quesito violência.

Se comparada a outros contextos educacionais da região estudada (entre os quatro colégios estaduais), a instituição possui um índice baixo quando se estabelece um parâmetro com outras regiões da cidade consideradas mais violentas. Portanto, compreende-se que algumas sugestões apontadas, pelos professores e funcionários, para diminuição dos conflitos entre os adolescentes no ambiente escolar possam minimizar a ocorrência dos mesmos como: melhorias na estrutura física e na segurança de todos que frequentam o lugar; elaboração e implantação de projetos (equipe de saúde) direcionados para a valorização individual e coletiva dos membros da escola; cursos, no contraturno (teatro, dança, música, informática, pintura, etc.); ações educativo/culturais (competições esportivas, eventos festivos, feiras culturais, etc.) que colaborem com a aproximação de familiares e comunidade, entre outros.

Considerações Finais

Os adolescentes entrevistados reconhecem a existência da violência no espaço escolar e na região. Os interlocutores têm noção de com quem devem andar e terem amizade, o que e para quem falar o que sabem e, acima de tudo, até onde devem transpor as fronteiras, sejam elas concretas ou conceituais. Mas também, reconhecem que, às vezes, ultrapassam os limites no que diz respeito às reações agressivas que praticam dentro do colégio quando professores, pedagogos e diretores aplicam algumas medidas para solucionar as manifestações que acontecem no interior da instituição. Não suficiente, sabem que determinadas práticas são decorrentes de problemas mal resolvidos fora do ambiente escolar.

No que se refere à violência *na* escola, é caracterizada por várias manifestações no cotidiano diário dos livros-Ata praticadas por todos os membros da escola (alunos, professores, pedagogos, direção e funcionários). Os registros mais comuns foram o de desacato ou desrespeito para com os professores e agressões físico/verbais entre os educandos. Além de que, em algumas situações de ameaças, as vítimas preferem não representar judicialmente o fato ocorrido.

Em relação à violência *da* escola, se apresenta como todos os tipos da prática que são utilizadas pela instituição de ensino que possam prejudicar os sujeitos que dela fazem parte. Neste aspecto, os registros são relacionados aos alunos e apresentam conteúdo considerado desestimulador. Assim, torna mais difícil o (a) estudante sentir-se valorizado (a) e ter estímulo para prosseguir com os estudos.

De maneira geral, no ambiente pesquisado, constatou-se que a violência *contra* a escola destaca-se num contexto mais amplo que se estende desde o abandono dos prédios públicos até os danos causados por quem a frequenta, em específico, os alunos. Os mais comuns encontrados nas anotações consultadas foram de: vidros, portas e carteiras quebrados, paredes, carteiras e muro riscados, lixo jogado no chão, bem como destruição dos ventiladores das salas de aula e dos extintores de incêndio, entre outros.

O principal ponto a ser destacado nas análises das entrevistas é o de que a violência no ambiente escolar gera insegurança, medo, estresse e, às vezes, impotência por parte dos professores e corpo administrativo. São situações que causam desânimo para a realização da função com estímulo. Na verdade, entende-se que a violência no espaço escolar necessita de atenção especial para que todos os inseridos no processo ensino/aprendizagem possam juntos, encontrar possibilidades de enfrentamento do fenômeno e o ambiente torne-se mais prazeroso de ser frequentado.

Outro aspecto constatado foi a ausência de projetos na instituição de ensino que contemplem práticas educativas e não punitivas. Em relação a amenizar o fenômeno violência no espaço escolar, não há políticas sociais (esporte, lazer e saúde), muito bem pontuadas pelos interlocutores da pesquisa de campo, direcionadas aos interesses dos adolescentes do Porto Belo, pois, segundo os mesmos, não estariam ociosos, no contraturno, envolvendo-se com más companhias e com coisas erradas - usando drogas, por exemplo.

Assim sendo, deve-se atentar para diversos fatores que compreendem os “universos escolares”, tanto internos como externos, e para tal, algumas sugestões podem ser apontadas, quais sejam: elevar as condições materiais das escolas brasileiras, em especial as públicas; valorização e reconhecimento da importância do professor; alternativas para uma formação continuada e integral; participação no debate e operacionalização dos Parâmetros escolares — que segundo muitos educadores, “chegaram de cima”. Segundo Morin (2000), outro fator que inibe que boas intenções no campo de políticas públicas em educação passem a gestos de muitos, é a insatisfação

de alunos em relação a sua não participação como sujeitos de mudança na/da escola e a falta de investimentos por representação juvenil.

Portanto, compreende-se que algumas sugestões podem ser apontadas para diminuir os conflitos entre os adolescentes no ambiente escolar como: elaboração e implantação de projetos (equipe de saúde) direcionados para a valorização individual e coletiva dos membros da escola; cursos, no contraturno (teatro, dança, música, informática, pintura, etc.); ações educativo/culturais (competições esportivas, eventos festivos, feiras culturais, etc.) que colaborem com a aproximação de familiares e comunidade, entre outros. Contudo, sabe-se que a escola sozinha não será autossuficiente para efetuar as mudanças necessárias. É preciso o empenho e compromisso de todos com o processo educacional para que o espaço passe a ser um lugar com melhores condições psicossociais para aprendizagem e desenvolvimento saudável dos alunos e de todos que dele fazem parte.

Referências Bibliográficas

ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

GOMIDE, P. I. C. **Menor infrator: a caminho de um novo tempo**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2012.

LEVISKY, D. L. (Org.). **Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LISBÔA, A. M. J. **A primeira infância e as raízes da violência**. Brasília: LGE Editora, 2006.

LÜDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2º ed. São Paulo: Editora Cortez, 2000. 118 P.

PRIOTTO, E. M. T. P. **Violência escolar: políticas públicas e práticas educativas no município de Foz do Iguaçu**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

ROSO, A. **O cotidiano no campo da saúde – Ética e responsabilidade social.** In. M. V. Veronese; P. A. Guareschi (Orgs.). *Psicologia do cotidiano: representações sociais em ação.* (pp. 119 – 146). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SALES, M. A. (In) **Visibilidade Perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência.** Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo. São Paulo/SP. Publicada em 29 mar. 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/>. Acesso em: 6 set., 2013.

SANTROCK, J. W. **Adolescência.** (14ª Edição), 526 pp. AMGH Editora Ltda, 2014.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna – Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** (7ª Edição). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas, psicologia infantil.** Madri: Visor, 1996.